

## **O TURISMO E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS**

**Marielys Siqueira Bueno<sup>1</sup>**

Resumo: O interesse turístico pelas manifestações da cultura popular tem sido avaliado como incentivador por uns, mas outros, mesmo reconhecendo seu poder estimulante temem seu papel negativo. Para avaliar a dimensão dessas manifestações Melo sugere que elas sejam avaliadas a partir de quatro elementos: a memória, o perfil, a mensagem e as mediações. As críticas em relação às festas são muitas e sérias e há muitos determinantes conflitivos entre hóspedes e hospedeiros, mas o sucesso e os benefícios de sua função agregadora, da sua forte motivação para manter as manifestações culturais vivas e do sentido de pertencimento que elas proporcionam são compensadores. Na verdade o aspecto polêmico dessa expansão deveria se deslocar para a questão da manipulação e apropriação de padrões culturais para o consumo feitas por pessoas estranhas à comunidade.

Palavras-chave: Festa comunitária. Turismo. Manifestação cultural.

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia. Docente da Universidade Anhembi Morumbi. Email: [marysbueno@yahoo.com.br](mailto:marysbueno@yahoo.com.br)

## **Introdução**

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim, um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso.

Emile Durkheim

As opiniões são divergentes quando se trata de avaliar o papel do turismo na sua participação em manifestações culturais. O interesse turístico pelas expressões da cultura popular tem sido avaliado como incentivador por uns, mas outros, mesmo reconhecendo seu poder estimulante, temem seu potencial negativo e destruturante.

Margarita Barreto também identificou essa preocupação. Diz ela, “a observação comum a respeito dos impactos culturais é que o turismo rediz os povos e sua cultura a objetos de consumo e ocasiona desajustes na sociedade receptora”. (BARRETO, 2001, p.30)

Ela aponta essa mesma postura em vários autores mas afirma que essa posição não é universal. Contrapondo à alegações de que a cultura deixa de ser valorizada por si mesmo e sim pelo seu valor econômico, Barreto nos diz

A recuperação da memória coletiva, mesmo que seja para reproduzir a cultura local para os turistas, leva numa etapa posterior, inexoravelmente à recuperação da cor local e, num ciclo de realimentação, a uma procura por recuperar cada vez mais esse passado. (BARRETO, 2001, p. 47)

Quero focalizar esse aspecto ambivalente em relação à cultura popular e o turismo focalizando as festas populares ou comunitárias

As festas populares são vigorosas manifestações de tradições e para Maria Laura Viveiros de Castro (2004) “a natureza simbólica das festas, com sua plasticidade e multiplicidade de maios de expressão tornam-se particularmente adequadas às expressões da história, dos valores, dos conflitos e da dinâmica social dos grupos e região que as promove” No entanto, ‘é importante avaliar o acentuado movimento de expansão dessas festas no cenário nacional devido seu poder de atrair turistas.

A avaliação dessa questão passa pela compreensão do papel e da função social das festas populares.

Melo (1996) ao identificar o processo comunicacional das festas a define como “ fenômeno de natureza sócio-cultural a festa permeia toda a sociedade, significando uma trégua no cotidiano rotineiro e na atividade produtiva. Sua natureza é intrinsecamente diversional, comemorativa, pautando-se na alegria e pela celebração”. (MELO, 1997, p. 110)

Para melhor avaliar a dimensão dessas manifestações populares Melo sugere que elas sejam avaliadas a partir de quatro elementos: a memória, o perfil, a mensagem e as mediações. Com relação à memória deve-se avaliar o que está registrado na memória coletiva sobre a festa enquanto fato histórico. Com relação ao perfil, trata-se de avaliar sua estrutura, sua dinâmica social, seus agentes e suas fontes de sustentação econômica. Quanto à mensagem é importante perceber seu significado no entorno social, seu conteúdo, suas manifestações. E com relação à mediação, trata-se de perceber as relações que a festa tem com as instituições externas e como esse conteúdo é apropriado pela mídia ou se ela interfere no seu conteúdo. Melo diz ainda que o fato da diluição da fronteira entre o urbano e o rural fez com que as festas populares sobrevivessem graças a um processo de adaptação.

A dimensão da memória, segundo a sugestão de Melo para avaliar as festas, está claramente evidenciada na afirmação de Barreto

O legado cultural permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação de fontes. Permite, até mesmo, que muitos membros dessa comunidade adquiram, pela primeira vez, a consciência do papel que sua cidade representou em determinado cenário e em determinada época. (BARRETO, 2001, p.49)

É importante salientar que essa memória tem um caráter dinâmico muito importante pois ao manifestar as tradições acrescentam novas formas e novos significados.

Cristina Schmit Silva reforça a importância desse dinamismo dizendo que “essas festividades populares não manifestam apenas os aspectos tradicionais, mas assimilam características decorrentes do processo maior dando-lhe novas formas, novos significados” (SILVA, 2002, p.35).

A preservação da memória ganha uma importância adicional se considerarmos o contexto da modernidade que se caracteriza pelo transitório, pelo efêmero determinando uma vida linear, direcionada e planejada.

Com relação a esse aspecto não se pode negar que o turismo pode contribuir para uma constante revitalização da memória coletiva e oferecer condições para a manifestação dessas dimensões culturais sempre ameaçadas pelas novas propostas da modernidade.

Vale destacar, que apesar dos apelos veementes da modernidade, dos poderosos meios de comunicação da cultura de massa, enfim desses aspectos ameaçadores, observa-se uma tendência para a preservação dos valores culturais.

Isso se deve, mais uma vez, em grande parte ao turismo, pois a preservação dessas dimensões culturais abre um grande espaço a ser incorporado nos seus destinos e assim a cultura passa a cumprir um papel econômico e social.

Quanto ao seu perfil Melo (1997) sugere que a festa deva ser caracterizada sobretudo enquanto processo comunicacional, bem como por sua dinâmica, seus agentes e fontes.

Evidentemente falar em festa popular significa englobar seus múltiplos contextos, formas, significados e valores, mas na sua essência está o fato de constituir um espaço importante para fortalecer e nutrir as relações sociais e criar vínculos entre os participantes.

As festas populares de caráter comunitário conta com a participação da população, portanto, ao levarmos em conta o caráter opressor e individualista da vida moderna, podemos dimensionar o potencial desses espaços para a criatividade e para a integração.

Embora diferentes tanto em estrutura quanto em organização, é surpreendente observar os aspectos que essas festas têm em comum. Todas dão destaque ao imaginário que se concretiza através de uma criatividade e rica plasticidade. Também na sua organização verifica-se o caráter 'mutirão' através da participação grupal de sua organização, aspecto esse que ganha destaque quando se contrapõe com o individualismo engendrado pela urbanidade.

Um outro aspecto importante a destacar com referência aos participantes é a genuína comunhão e o entusiasmo autêntico uma vez que ela é sempre um ato coletivo que vai conferir identidade a todos que dela participam.

Além da tradição ganhar novos significados na dinâmica de expansão da festa, ela sai dela fortalecida e capaz de expressar com mais vigor os valores da comunidade. Além disso, através dessas expressões culturais muitas comunidades ganham visibilidade que favorece a construção e revigoração das identidades sociais.

Nesse sentido vale a pena ressaltar a extraordinária vitalidade dessas festas que permanecem apesar da sociedade moderna ter padronizado muitos códigos e símbolos através da cultura de massa.

Assim, as festas enquanto mobilizadora das relações entre os grupos primários e a coletividade criam uma teia complexa de relações e interesses.

Morin afirma que o desenvolvimento “não somente trouxe o florescimento individual, liberdade e lazer, mas também uma atomização das coersões organizacionais especificamente modernas. (MORIN 1993, p. 23)

Nesse aspecto aponta-se o papel relevante das festas que no dizer de Balandier (1985) abrem espaços no interior da sociedade e eles não são apenas um espetáculo onde se joga com a realidade e com o imaginário mas, igualmente, oferece a possibilidade para uma participação ativa onde se criam momentos para a libertação física e psíquica propiciando a vivência e a solidariedade. As festas, diz ele, são ocasiões para as pessoas se reunirem e delas saírem fortalecidas. Nelas se instala o clima de descontração e despreocupação.

Em decorrência da espetacularização, as festas ganharam uma representação mais elaborada, complexa e mesmo, em alguns casos, luxuosa. A renda decorrente dessa expansão permitiu que o núcleo tradicional ganhasse meios de expressão mais amplos, o que lhes permitiu falar a sua história com mais vigor e redinamizar o imaginário e os valores.

Com relação à mensagem, é importante apreender seu significado o conteúdo peculiar da festa.

Ao reproduzir os valores culturais tradicionais, as festas não perdem o direito de modernizar-se e de modificar seus padrões de expressão, e através desse mergulho na cultura conseguem diminuir a distância social que possa existir entre o visitante e o visitado. Rita Mendonça diz que “é preciso que o turismo possibilite alguma relação mais direta, em que a vivencia represente uma relação de troca, de aprendizado, de respeito. (MENDONÇA, 1995, p.21). Ela diz que só a vivencia pode levar ao respeito, à

solidariedade com as populações e que cada nova descoberta pode modificar a visão que temos das coisas e do mundo.

Peter M. Burns (2002) ao dizer que é no ambiente urbano e pós-industrial que gera a maior parte dos turistas do mundo inteiro e que parte desse mundo é representada pelo afastamento da natureza e da espiritualidade, vai de certa forma, reforçar o papel restaurador da convivialidade que impera no ambiente festivo funciona como um contraponto pelo seu caráter propício à solidariedade e à comunicação.

Nessa expansividade coletiva, a população compartilha da válvula de escape ao constrangimento da vida cotidiana. E, em função do clima de descontração e despreocupação as festas se tornam ocasiões privilegiadas para as pessoas se reunirem e saírem revitalizadas, principalmente se levarmos em conta a mobilização social para a realização da festa. Essa elaboração coletiva ganha no compartilhamento uma importância por induzir a novas formas de sociabilidade.

Finalmente a questão da mediação leva em conta as relações da festa com a mídia e de como seus conteúdos são apropriados por ela.

É evidente que a mídia dedica atenção às manifestações da cultura e entre elas dá uma atenção especial às festas populares tradicionais, folclóricas ou religiosas, fato que leva a um crescente apelo turístico. A própria comunidade, no seu movimento de expansão busca na mídia um aliado para a valorização de suas atividades. Isso lhes permite se exporem ao exterior, de modo positivo e associado ao processo de valorização pessoal. Esse aspecto pode ajudar a se formar uma rede de relações sociais que leva a uma convivência solidária e, algumas vezes, competitiva.

É fato que as cidades ganham brilho, ganha vida e a maioria de seus habitantes se enchem de orgulho. São muitos os que aprovam, mas não faltam críticas. A avalanche de turistas colocam problemas nem sempre fáceis de serem resolvidos. Por isso Mendonça (1996, p.21) adverte dizendo que é importante que os planejadores de novos polos e centros turísticos comecem a levar em conta estas populações e elaborar, juntamente com elas, o plano de desenvolvimento local.”

A maioria concorda com os aspectos positivos da festa para a comunidade, mas sabemos que essas manifestações tendem a enfraquecer diante dos apelos da vida moderna. E o estímulo que elas

recebem devido a sua visibilidade e a sua espetacularização, por sua vez, as ameaçam pela eventual possibilidade de descaracterização devido ao esforço de criar elementos de maior atratividade.

Se discutem e se temem o fato de brincadeiras populares se transformarem em espetáculo e conseqüentemente, a cultura popular transformar em cultura de massa, ou seja, temem as conseqüências da mercantilização.

Além disso, Urry, citado por Neide M.T. Coriolano (1997) aponta para o fato de que existem muitos determinantes conflitivos entre os hospedeiros e hóspedes nas relações sociais através das práticas do turismo. Isso aponta para a necessidade de uma avaliação sobre as marcas deixadas por esse intercâmbio que cria novos elementos, novas funções nessas práticas sociais.

Com relação aos rituais religiosos o turismo cria certos problemas pelo fato de atrair pessoas que não comungam das crenças e valores da festa. Ferretti (2006, p.2) afirma que “a participação de turistas nas festas e rituais religiosos, embora costumem emprestar a elas maior brilhantismo, tem causado alguns problemas”. Segundo ele, isso se deve, principalmente, porque os turistas geralmente participam desses rituais sem o conhecimento das normas que os regem e sem o sentimento devoto dos que comungam das crenças, e não raro, o barulho que eles fazemos faz parecer pessoas que desrespeitam a religião. Nessas ocasiões, os habitantes se sentem invadidos e se incomodam com o tom profano dado pelos turistas às festas de suas devoções.

Não há como negar que a modernidade provocou uma mercantilização generalizada e, nessa realidade, o turismo moderno ocupa um espaço vasto e complexo. O turismo não é mais um privilégio de uma elite e, agora, o conjunto da população reivindica o direito a ele e isso determina proporções realmente assustadoras.

Se por um lado esse expressivo número de turistas invadem as manifestações populares colocando dificuldades nessa relação morador/turista, por outro lado é essa expansão que permite a amplitude que certas festas brasileiras apresentam.

### **Considerações finais**

Uma cidade, um povo, mesmo um grupo mais ou menos restrito de indivíduos que não logrem exprimir coletivamente sua imoderação, sua demência, seu imaginário, desintegra-se rapidamente.

Michel Maffesoli

Para Rita Amaral (1998), a festa brasileira é uma linguagem simbólica que traduz muitos valores nacionais. Para ela, divertimento é uma ‘coisa séria’, e pode ser entendido até mesmo como a segunda finalidade do trabalho, vindo logo após a necessidade de sobrevivência. Diz ela que toda festa é um ato coletivo e conseqüentemente supõe não só a presença de um grupo mas, também sua participação o que a faz diferenciar do puro espetáculo. Há uma função recreativa e libertadora nas festas.

Rita Amaral diz, também, que são vários os aspectos que permitem afirmar que há um modelo brasileiro de festa. Diz ela: das maiores às menores, todas as festas não apenas atualizam mitos, como revivem e colocam em cena a história de um povo contada pelo seu ponto de vista.

Muitas festas populares brasileiras vêm se tornando um produto turístico cada vez mais atraente, conseqüentemente, tem gerado um crescente mercado de empregos, produtos e serviços.

Para exemplificar o processo de expansão das festas brasileira cito algumas que foram escolhidas pela sua visibilidade e representatividade das várias dimensões em que estão inseridas. Apesar dessas festas serem representativas das várias regiões do Brasil e suas formas de organização serem diferentes, há muitas semelhanças entre elas.

A **Oktoberfest** de Blumenau. Essa festa alcançou sucesso na iniciativa de ver a festa como investimento e fonte de lucro. É chamada de Carnaval do Sul uma vez que inclui fantasias, desfiles, carros alegóricos etc..

A festa da **Nossa Senhora da Achiropita**. Segundo Amaral (2002) ela pode ser considerada uma ação popular interferindo efetivamente nos problemas da comunidade pelo investimento social dos recursos arrecadados na festa.

A **Festa do boiadeiro de Barretos**. É hoje uma festa de rodeio que alcançou proporções de evento internacional. Além dos rodeios, apresentam vários shows com artistas renomados. Nasceu pela



iniciativa de um grupo de jovens com a intenção de conseguir recursos para obras beneficentes. A festa cresceu e atrai turistas de todo Brasil. Embora seja uma festa secular ela dá destaque à Nossa Senhora Aparecida, a padroeira dos peões.

As **Festas Juninas**. Elas giram em torno de três datas principais: 13 de junho, festa de Santo Antônio; 24 de junho, São João e 29 de junho, Festa de São Pedro. Durante esse período o país fica tomado por festas que comemoram seus santos com comidas típicas, quadrilhas e fogueiras. Na realidade todo o mês de junho é consagrado a esses santos.

Pode-se incluir nas festas juninas a festa do Bóí-Bumbá de Parintins que é um enorme espetáculo que ganhou proporções que atraem reprovações dos mais nostálgicos pois acham que essa festa ofuscou e enfraqueceu outras manifestações folclóricas e ainda acusam que o dinheiro que circula em Parintins se concentra na despesa ligada ao Festival, privilegiando assim, o efêmero em detrimento de bens duráveis. Outros discordam e afirmam que o aspecto mercantil garante uma valorização geral e são maiores os benefícios que as desvantagens.

A **Festa do Divino Espírito Santo** é uma das festas mais presentes nos calendários turísticos. Entre as comemorações do Espírito Santo espalhadas pelo Brasil se destaca a Festa do Divino de Pirenópolis conhecida também como a Cavalhada. Como todas as comemorações do Divino, ela apresenta uma parte religiosa e outra profana. A Cavalhada é uma evocação da luta entre os cristãos e mouros inserida na Festa do Divino. Pirenópolis, uma pequena cidade do interior do estado de Goiás e que foi impulsionada pela criação de Brasília e sua classificação como monumento histórico. Apesar de seu potencial turístico e ecológico ela é conhecida, principalmente, por causa da festa da Cavalhada, ocasião em que o número de visitantes que dobra a população da cidade.

O **Círio de Nazaré**. Outra festa religiosa de grandes proporções e, Belém do Pará. Nela os elementos sagrados – missa, novenas, romarias – se mistura, também, com o profano – parque de diversões, entretenimentos e o Arraial do Largo de Nazaré. A procissão do Círio é o acontecimento principal e reúne mais de um milhão e meio e pessoas.

Não se pode negar que o **Carnaval** tem o maior destaque no festejar brasileiro. Também é uma festa que evoluiu a partir de uma brincadeira de rua reunidas sob o nome de Entrudo e ganhou proporções grandiosas e hoje é considerada a festa mais popular do mundo. Com a expansão, o carnaval

carioca, que é o mais expressivo, ficou praticamente reduzido aos desfiles de Escolas de Samba. O Rio e em seguida São Paulo, Recife e Bahia expandiram seus festejos carnavalescos tornando-se festas de atração internacional.

Atualmente as cidades brasileiras são animadas pelo festejo “micareta” que são carnavais fora do período oficial e muitos desses carnavais que animam os brasileiros também estão crescendo e ganhando visibilidade.

Todos sabem que o turismo hoje é uma força social que se tornou, pelas suas dimensões e pela sua complexidade. Um fenômeno da maior importância. A tendência é crescer mais, pois o turismo deixou de ser privilégio das elites e a população reivindica o direito a ele. Isso gera inquietações quanto ao poder que ele representa, principalmente quanto às consequências da expansão dessas festas.

Na verdade, o aspecto polêmico dessa expansão, em função da presença do turista, deverá ser deslocado para a questão da manipulação e apropriação de padrões culturais para consumo do turismo. Porque a ameaça mais significativa está, preferencialmente, relacionada ao fato de haver interferência estranha ao grupo. Quando o grupo não puder expressar seu imaginário, quando seus valores forem expressos por elementos estranhos ao universo da comunidade, os significados culturais e sua função agregadora e seu sentido de pertencimento estarão comprometidos, pois se perderão as funções recreativa e libertadoras das festas.

Ainda nas palavras de Rita Amaral (1998, p. 98) “não é a toa que se diz que no Brasil tudo acaba em festa”. Isso é compreensível, segundo ela, já que “ela pode comemorar acontecimentos, reviver tradições, criar novas formas de expressão, afirmar identidades, preencher espaços na vida dos grupos, dramatizar situações e afirmações populares”.

### **Referências bibliográficas**

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. (1989). *Festa brasileira*. Tese apresentada ao departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo.
- BALANDIER, Georges. (1985). *Le détour, pouvoir ET modernité*. Paris : Fayard.
- BARRETO, Margarita. (2001). *Turismo e legado cultural*. Campinas: Papyrus.
- BURNS, Peter M. (2002). *Turismo e Antropologia : uma introdução*. São Paulo: Chronos.

CORIOLOANO, Luiza Neide M.T. (1997). *Da sedução do turismo ao turismo de sedução*. In *Turismo, modernidade, globalização*. São Paulo: Hucitec.

FERRETI, Mundicarmo. (2006). *Turismo e religiosidade popular*. Belém: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n.36.

MAFFESOLI, Michel. (1984). *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

MELO, José Marques. (2002). *As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para seu inventário no Brasil no limiar do século XXI*. Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional 5. São Paulo UMESP.

MENDONÇA, Rita. (1996). *Turismo, meio ambiente e impactos socioambientais*. In LEMOS, Amália Inês G. (org). *Turismo e impactos socioambientais*. São Paulo: Hucitec.

SILVA, Cristina Schmit. (2002). *O comunicador folk e as festas de uma só*. Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional 5. São Paulo: UMESP.